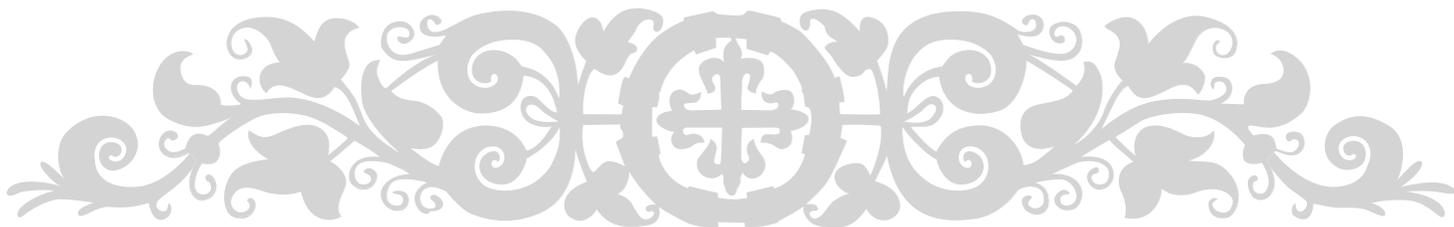




A NATUREZA
RELIGIOSA
de
SCIENTOLOGY

Geoffrey Parrinder, Ph.D.
Professor Emérito
Estudo Comparativo das Religiões
Universidade de Londres
Inglaterra
1977





A NATUREZA
RELIGIOSA
de
SCIENTOLOGY

Geoffrey Parrinder, Ph.D.
Professor Emérito
Estudo Comparativo das Religiões
Universidade de Londres
Inglaterra

ÍNDICE

I.	Introdução	1
II.	O Lugar de Deus no Credo de Scientology	2
III.	Cerimónias e os seus Significados	3
IV.	A Natureza Religiosa das Crenças de Scientology	4
V.	Conclusão	5

A NATUREZA RELIGIOSA *de* SCIENTOLOGY

Geoffrey Parrinder, Ph.D.
Professor Emérito
Estudo Comparativo das Religiões
Universidade de Londres
Inglaterra
1977

I. Introdução

Devo deixar bem claro que eu não sou um Scientologist. Pelo contrário, sou um Ministro Metodista ordenado há mais de 40 anos¹. Não tenho instrução sobre as crenças e práticas de Scientology e poderei ser crítico em relação a algumas delas. Mas interessei-me pela liberdade religiosa, que é essencial para uma sociedade democrática.

Em 1971 fui abordado por representantes de Scientology, já que o meu interesse pelo significado de religião era conhecido através dos meus textos e da minha posição como Professor do Estudo Comparativo das Religiões na Universidade de Londres. Examinei a literatura que me foi enviada e achei por bem adquirir informação em primeira mão encontrando-me várias vezes com representantes do movimento e visitando a sua sede britânica.

Saint Hill Manor, East Grinstead, é um velho edifício ampliado com terrenos adequados mas não muito extensos. A minha visita tinha sido combinada, mas como quase sempre acontece, cheguei meia hora antes e pude vaguear por ali sozinho durante algum tempo. Devido a rumores sobre os Scientologists, como que imaginei que haveria um guarda à entrada, ou mesmo cães de guarda, mas tudo estava aberto e eu conduzi o carro sem ser notado para o parque de

1. O Professor Parrinder escreveu este ensaio em 1977.

estacionamento. Depois entrei em edifícios onde os estudantes estavam a trabalhar, vi salas de curso abertas, e finalmente entrei na capela que era, como muitas outras, um edifício de livre acesso.

Havia fotografias de Ron Hubbard em muitos lugares e escritos nas paredes quase indicavam a sua presença, tais como «Não corra, pode deparar-se com o Ron». Quando o coro entrou na capela algumas palavras impressionantes foram ouvidas no hino da procissão: «Este homem sozinho, mostrou o caminho.» Ali soa a voz do dogmatismo religioso. Pode ser que, tal como Buda, L. Ron Hubbard esteja investido de autoridade sobrenatural e que até se torne uma divindade, em função se não em teoria. Mas há outros artigos de fé que contrariam esta tendência. O serviço dominical à tarde estava apinhado, com pessoas de todas as idades, que estavam animadas e recetivas. O Sr. Justice Ashworth notou que «O ministro confronta as pessoas e saúda-as», mas isto é comum em igrejas de várias denominações. O ministro usava um colarinho clerical e uma espécie de cruz ou ankh, mas estes são ornamentos da religião, não a sua substância. Houve hinos, um tempo de silêncio que incluiu uma oração, e um sermão que mencionou Deus várias vezes.

II. O Lugar de Deus no Credo de Scientology

O lugar de Deus nas crenças de Scientology não parece ser dominante, como é no cristianismo, judaísmo e islão, mas está claramente presente. No livro *A Religião de Scientology*, o capítulo sobre Doutrina e Prática define a sua missão como «ajudar o indivíduo a tomar consciência de si próprio como um ser imortal e ajudá-lo a alcançar e a atingir as verdades básicas em relação a si próprio, à sua relação com outros... e com o Ser Supremo». Aqui e sob a forma de Serviço Habitual declara-se que «queremos apagar o seu pecado para que ele possa ser suficientemente bom para reconhecer Deus» e «a melhor evidência que o Homem tem de Deus é o Deus que ele descobre em si próprio». Reconhece-se que o ensino de Deus dentro, e de reencarnação, liga Scientology a formas de pensamento religioso oriental e da Índia. Assim, declara o objetivo de «salvação individual em harmonia com outras formas de vida, o universo físico, e, por fim, o Ser Supremo. É nesta tradição oriental que encontramos os antecedentes de Scientology».

Deus é referido como a Oitava Dinâmica, o nível mais elevado de realidade que a pessoa alcança quando a Sétima Dinâmica, o universo espiritual, é «alcançado na sua totalidade». Deus e o universo espiritual também são «classificados como o universo theta», e theta ou thetan é descrito como sendo o «espírito» e a «própria pessoa». Há uma insistência constante no homem como uma entidade espiritual, e rejeição de explicações materialistas de origens humanas. O

Homem é imortal, viveu inúmeras vidas, e pode elevar-se até Deus. Isto é reconhecidamente semelhante a algumas crenças religiosas indianas e é importante na alegação de Scientology de que é uma religião.

III. Cerimónias e os seus Significados

Uma cerimónia de casamento, que popularmente pode ser considerada religiosa e para ser realizada na igreja, não é primariamente religiosa. É um contrato secular, entre duas partes anuentes e perante duas testemunhas. A Igreja primitiva teve consciência disto e observou a prática estatal durante muitos séculos, embora muitas vezes com bênção posterior da igreja. Só o Concílio de Trento posterior à Reforma decretou que o casamento cristão tinha de ser realizado numa igreja e celebrado por um padre. Os protestantes e missionários modernos que tentam impor um casamento na igreja às pessoas convertidas têm vindo a seguir os decretos de Trento. Mesmo que o casamento seja considerado um sacramento, um padre e uma igreja não são essenciais para a sua validade na teologia cristã. Os celebrantes do sacramento são o marido e a mulher que ministram votos um ao outro e isto pode ser feito religiosamente em qualquer lugar.

No entanto, muitos países que têm uma tradição cristã insistem em cerimónias de casamento conduzidas por uma autoridade secular, um escrivão, magistrado ou presidente da câmara. Mesmo nos lugares onde existe uma igreja estabelecida, os casamentos podem ser realizados noutras capelas ou por um escrivão. Por conseguinte não é no serviço de casamento de Scientology que devemos procurar evidência de crença e prática religiosas.

Os dois serviços mais significativos são o batismo ou o ato de dar o nome a crianças, e à inumação dos mortos. As crenças associadas a estas duas coisas estão profundamente enraizadas na nossa natureza e história, e elas moldam os sacramentos mais comuns da humanidade. Scientology acredita no *thetan*, a sua própria palavra para a alma imortal, derivada da oitava letra do alfabeto grego, *theta*, e talvez por considerar a sua simbólica forma oval. O serviço diz que «o propósito principal de uma cerimónia de batismo é ajudar o thetan a orientar-se. Ele tomou posse do seu novo corpo recentemente». O thetan é apresentado ao seu corpo, aos seus pais e aos seus padrinhos. Claramente, aqui temos uma cerimónia espiritual e não materialista.

De modo semelhante, o serviço fúnebre de Scientology faz alegações espirituais. A alma é orientada para uma vida futura: «Vai agora, querido (falecido) e vive mais uma vez, num tempo e lugar mais feliz». A crença em algum tipo de natureza espiritual no homem, que sobrevive à morte, é talvez a crença religiosa mais antiga e mais predominante da humanidade.

Provavelmente, não existe nenhuma tribo ou povo que não tenha tido uma forma ou outra de crença na vida depois da morte, e a presença de tal crença é um sinal muito claro de religião.

Os antigos egípcios (não os modernos que são muçulmanos) acreditavam em almas e deuses e eram religiosos, como os budistas de quem estritamente se pode dizer que não acreditam em nenhum deles, pelo menos no sentido ocidental. Mas ambos tinham rituais religiosos, dos quais Scientology se aproxima deliberadamente.

IV. A Natureza Religiosa das Crenças de Scientology

Se compararmos a Scientology com organizações seculares rapidamente se torna clara a natureza religiosa de algumas das suas crenças, mesmo que ela ainda não tenha desenvolvido uma teologia complexa. É bastante diferente de sociedades políticas que não têm nenhum interesse específico em almas imortais. De modo semelhante, difere de clubes sociais, como o Oddfellows ou a Loyal United Order of Anglo-Saxons (Ordem Leal Unida de Anglo-saxões). É mais parecida com a franco-maçonaria que acredita em Deus, o arquiteto divino, e em seres espirituais. Mas a franco-maçonaria tem dito muitas vezes que a sua organização não é uma religião. Em grande parte da Europa, pelo menos até recentemente, a franco-maçonaria foi fortemente anticlerical, um tipo de antirreligião. Mas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos os franco-maçons também têm sido membros de igrejas estabelecidas e têm desejado mostrar que não seguem uma religião rival, mas sim um código moral e um apoio à verdadeira religião.

Pode fazer-se uma referência breve a movimentos religiosos antigos e modernos. Os jainistas da Índia acreditam em muitas almas mas não em Deus, e no entanto são contados como uma religião. Os budistas não acreditam num Deus supremo nem numa alma descritível, apesar de haver diferenças entre a teoria e a prática, mas são uma das maiores religiões missionárias do mundo. Muitos pensadores hindus de Vedanta não são dualistas, acreditando que os humanos e o divino são um só, pois a alma individual é a alma universal. Isto não é Deus, no sentido legal cristão ou ocidental, no entanto, o Hinduísmo é uma religião maior. Nos tempos modernos, o Neo-Vedanta indiano tem tido uma grande influência na Europa e na América, porque os seus ensinamentos têm diferido, tanto do dogma rígido da maior parte das religiões ocidentais como do materialismo de muita ciência moderna.

Scientology parece ter adotado desde o início e como doutrina básica uma atitude espiritual para a vida. O Fundador e as Metas declaram que o propósito é libertar o homem do cativo que «procurou reduzi-lo ao estatuto de células, cérebro e corpo, uma mentira “científica” que

tem causado danos incalculáveis ao homem e que, a menos que seja corrigido, resultará na aniquilação total».

E mais uma vez, «que o homem é essencialmente um espírito, imortal e basicamente indestrutível».

V. Conclusão

A exposição sobre Doutrina e Prática em *A Religião de Scientology* começa com uma breve afirmação da sua natureza espiritual e passa imediatamente a considerar os antecedentes do movimento, com secções especiais sobre hinduísmo e budismo. Claramente, o Fundador e os trabalhadores posteriores foram afetados pela leitura destas religiões asiáticas, e nisto eles refletem tendências predominantes do pensamento moderno. Desde há mais de um século, a influência de ideias asiáticas, particularmente indianas, tem sido poderosa na Europa e na América, e este facto deve afetar a compreensão de religião. A religião tem a ver com a natureza espiritual do homem, e com o objeto da sua adoração, quer seja Deus, o Absoluto, ou Buda. À medida que se desenvolve Scientology poderá enfatizar mais o lugar do Ser Supremo, não só como o objetivo, mas também como a fonte e a força que sustenta todo o esforço do homem. Como está, o ensino penetrante da natureza espiritual do homem e da sua indestrutível essência interior está de acordo, em muito, com algumas das maiores religiões do mundo.

GEOFFREY PARRINDER

1977

Geoffrey Parrinder

Quando escreveu «A natureza Religiosa de Scientology», Geoffrey Parrinder era Professor do Estudo Comparativo das Religiões na Universidade de Londres. Agora é Professor Emérito do Estudo Comparativo das Religiões. Também é um Membro do Kings College, de Londres, e Ministro Metodista há 60 anos. É o autor de mais de 40 livros sobre religiões do mundo, com traduções em 12 línguas. Editou uma enciclopédia e dicionário sobre as religiões do mundo.

